

ESTADOS UNIDOS E CHINA NA DISPUTA ESTRATÉGICA PELA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: RESULTADOS PRELIMINARES DO TCC I

NATANIELE PAIM SCHMUTZ¹; ANTÔNIO CRUZ²

¹ Universidade Federal de Pelotas – natanieleschmutz@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – antoniocruz@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está vinculada ao Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado de Relações Internacionais da UFPEL, a qual se debruça sobre como a Inteligência Artificial (IA) - um “sistema de máquina” que pode ser utilizada para um determinado conjunto de objetivos definidos pelos seres humanos, entre eles, realizar previsões, recomendações ou decisões que influenciam ambientes virtuais ou reais (OECD AI, 2020)- poderá vir a ser utilizada como instrumento de poder para os Estados.

Devido sua grande capacidade, tanto nos setores econômicos quanto militares, os governos e empresas estão buscando cada vez mais ampliar seus recursos para garantir vantagens nessa nova competição tecnológica. Esse contexto se materializa no crescimento dos investimentos públicos e privados no setor. Um exemplo disso é que entre 2023 e 2024 houve um aumento de 44,5% nos financiamentos de pesquisa em IA, marcando uma expansão significativa nesse mercado (AI INDEX REPORT, 2025).

Dessa forma, as duas nações que estão na vanguarda dessa competição são os Estados Unidos e a China, sendo que a busca pelo domínio tecnológico em IA ocorre tanto na frente comercial quanto no técnico-científica. Enquanto os americanos mantêm a liderança em termos de quantidade de modelos de IA, os chineses dominam a publicação de pesquisas sobre a mesma (AI INDEX REPORT, 2025).

O desenvolvimento da IA moldará o futuro do poder. A nação com a base econômica mais resiliente e produtiva estará em melhor posição para assumir o manto da liderança mundial. Essa base depende cada vez mais da força da economia da inovação, que por sua vez dependerá da IA. Assim, ela impulsionará ondas de avanço no comércio, transporte, saúde, educação, mercados financeiros, governo e defesa nacional (NSCAI, 2019, p.9, Tradução nossa).

Assim, desde 2020, as potências globais vêm realizando cada vez mais investimentos nesse setor a fim de maximizarem seus lucros em prol da minimização de seus esforços. Sob esse contexto, uma das empresas líderes desse setor é a organização sem fins lucrativos norte-americana OpenAI, fundada em 2015 e atualmente sendo considerada uma das empresas pioneiras no setor de IA generativa (OPEN AI, 2025). Por outro lado, a China emergiu como uma forte concorrente nessa área, visto que, em 2023 surge a empresa DeepSeek, com foco no desenvolvimento de modelos de linguagem de código aberto, cujo objetivo é tornar a IA avançada mais acessível para a sociedade (FORBES, 2025).

A partir disso, a relevância de se estudar esse tema está na constatação de que a IA não se trata apenas de um avanço tecnológico, mas sim de uma ferramenta política e econômica crucial nas relações internacionais contemporâneas. Diante do exposto, o trabalho em construção buscará analisar as estratégias de desenvolvimento dos países no âmbito da IA e também os planos de negócios das empresas Open AI e Deep Seek, a fim de comparar os impactos econômicos e políticos das nações no setor de Inteligência Artificial.

2. METODOLOGIA

A pesquisa será conduzida por meio de uma abordagem quali-quantitativa, estruturada a partir de um estudo de caso comparado entre Estados Unidos e China no que se refere às suas estratégias de Inteligência Artificial. A primeira etapa consistirá em uma revisão bibliográfica documental, de caráter analítico, a partir de relatórios oficiais dos governos, *reports* de investimentos e também dos modelos de negócios adotados pelas empresas OpenAI e DeepSeek, respectivamente. Essa etapa tem como objetivo identificar e compreender os marcos estratégicos e os caminhos adotados pelas duas potências no campo da IA.

Na sequência, será realizado um levantamento volumétrico utilizando como indicadores a quantidade de investimentos em IA, número de publicações científicas realizadas pelas empresas, registros de patentes e outros parâmetros relevantes que permitam mensurar o alcance das estratégias adotadas. Ao integrar essas duas dimensões metodológicas, a pesquisa pretende construir uma análise que vá além da identificação de intenções estratégicas, mas sim que seja capaz de avaliar, com base em evidências, os resultados até então dessa disputa tecnológica entre as nações na contemporaneidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De maneira preliminar, é possível observar que a Inteligência Artificial se apresenta como um campo fértil para compreender as disputas de poder no Sistema Internacional. Desse modo, partindo de uma visão crítica e multidisciplinar entre as áreas da Economia Política Internacional e Relações Internacionais, busca-se compreender como os conceitos de poder e hegemonia podem ser ressignificados e ampliados quando estes forem relacionados ao avanço tecnológico da IA.

Desse modo, a finalidade da revisão bibliográfica desta pesquisa é analisar os seguintes pontos: i) como é definido os conceitos de poder e hegemonia partindo de uma visão crítica; ii) investigar as principais estratégias dos países no setor da IA; iii) o impacto das empresas-chave para o impulsionamento desse setor nos países; iv) comparar os resultados econômicos e políticos entre ambas as nações, a fim de revelar qual dos países possui vantagens nesse campo. Para sustentar tais objetivos, o referencial teórico será estruturado a partir de três autores centrais para a construção do trabalho aqui apresentado: Robert Cox (2007), Susan Strange (1988) e François Chesnais (1995).

A partir de Robert Cox (2007), é perceptível a importância de compreender a hegemonia não apenas como dominação estatal, mas como resultado de processos históricos e institucionais que constroem consensos. Essa abordagem abre espaço para refletir sobre a legitimidade da hegemonia e, sobretudo, sobre os atores que a sustentam.

[...] para se tornar hegemônico, um Estado teria de fundar e proteger uma ordem mundial que fosse universal em termos de concepção, isto é, uma ordem em que um Estado não explore outros Estados diretamente, mas na qual a maioria desses (ou pelo menos aqueles ao alcance da hegemonia) possa considerá-la compatível com seus interesses (Cox, 2007, p. 117).

Dessa forma, ao compreender hegemonia como resultado de uma combinação de instituições, forças sociais e consensos historicamente construídos, abre-se espaço para refletir também sobre os elementos que sustentam e legitimam essa hegemonia perante os demais atores do sistema internacional. As contribuições de Susan Strange (1988) irão permitir expandir o olhar para além do Estado, destacando o papel das empresas transnacionais como atores centrais nas relações internacionais contemporâneas. Ainda que de forma preliminar, essa conexão já evidencia como o setor privado se torna parte indissociável da política internacional (Strange, 1988).

Por fim, ao dialogar com François Chesnais (1995), nota-se que a mundialização do capital e a formação de grandes corporações irão ajudar a explicar porque determinadas empresas concentram tanto poder econômico e político em escala global. Dessa forma, essa fase é caracterizada pela formação dos oligopólios mundiais, que delimitam para si um espaço privilegiado de concorrência e cooperação no Sistema Internacional (Chesnais, 1995).

É por isso que definimos o oligopólio mundial como um “espaço de rivalidade”, delimitado pelas relações e dependências mútuas de mercado, que interligam o pequeno número de grandes grupos que, numa dada indústria (ou num conjunto de indústrias de tecnologia genérica comum), chegam a adquirir e conservar a posição de concorrente efetivo no plano mundial. (Chesnais, 1995, p.9).

Assim, mesmo em caráter inicial, já se evidencia a relevância de analisar a Inteligência Artificial de forma multidimensional, na expectativa de que a consideração de diferentes perspectivas permita uma compreensão mais ampla e crítica do tema. Desse modo, a investigação aponta para a necessidade de aprofundar esse debate, sobretudo diante da crescente centralidade da IA nas disputas internacionais contemporâneas.

4. CONCLUSÕES

Em síntese, ainda que a pesquisa esteja em construção, é possível apontar que a corrida pela Inteligência Artificial entre Estados Unidos e China não se dá apenas em nível estatal, mas também se manifesta na disputa corporativa. Portanto, sugere-se que a análise do papel das empresas, associada às estratégias nacionais, possa revelar dinâmicas relevantes para compreender como a Inteligência Artificial se consolida como um instrumento de poder político e econômico no cenário internacional. Espera-se, em etapas futuras da pesquisa, aprofundar essa discussão com dados quantitativos sobre investimentos e políticas nacionais, bem como análises comparativas entre as empresas selecionadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHESNAIS, F. **A globalização e o curso do capitalismo de fim de século.** São Paulo: Xamã Editora, 1996.

CHINA DEVELOPMENT BANK. **China Development Bank Annual Report 2018.** 2025 Online. Disponível em: https://www.cdb.com.cn/English/gykh_512/ndbg_jx/2018_jx/. Acesso em: 15 ago

COX, R. W; GRAMSCI. **A. Hegemonia e Relações Internacionais: um ensaio sobre o método.** In: GILL, Stephen (org.). Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 101-123. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/392014459/Robert-Cox-Gramsci-Hegemonia-e-Relacoes-Internacionais>

FILHO. J. R. A. **Empresa e poder nas Relações Internacionais: Uma abordagem a partir das ideias de Susan Strange.** 2002. Dissertação. (Mestrado em Organização e Recursos Humanos) - Curso de Pós-Graduação em Administração de Empresas, Fundação Getulio Vargas.

FORBES. All About DeepSeek — **The Chinese AI Startup Challenging US Big Tech.** 2025. Online. Disponível em: [https://www.forbes.com/sites/janakirammsv/2025/01/26/all-about-deepseekthe-chinese-ai-startup-challenging-the-us-big-tech/](https://www.forbes.com/sites/janakirammsv/2025/01/26/all-about-deepseek-the-chinese-ai-startup-challenging-the-us-big-tech/). Acesso em: 20 ago.

Nestor Maslej, Loredana Fattorini, Raymond Perrault, Yolanda Gil, Vanessa Parli, Njenga Kariuki, Emily Capstick, Anka Reuel, Erik Brynjolfsson, John Etchemendy, Katrina Ligett, Terah Lyons, James Manyika, Juan Carlos Niebles, Yoav Shoham, Russell Wald, Tobi Walsh, Armin Hamrah, Lapo Santarlasci, Julia Betts Lotufo, Alexandra Rome, Andrew Shi, Sukrut Oak. "The AI Index 2025 Annual Report," AI Index Steering Committee, Institute for Human-Centered AI, Stanford University, Stanford, CA, April 2025.

NSCAI. **Interim Report.** 2019. 2025. Online. Disponível em: <https://epic.org/wp-content/uploads/foia/epic-v-ai-commission/AI-Commission-Interim-Report-Nov-2019.pdf>. Acesso em: 15 ago.

OECD.AI. **About OECD.AI: Why OECD.AI is essential.** 2025. Online. Disponível em: <https://oecd.ai/en/about/about-oecd-ai>. Acesso em: 19 ago.

OPEN AI. **About OpenAI.** Online. Disponível em: <https://openai.com/about/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

STRANGE, S. **States and Markets.** London: Pinter Publishers Limited, 1988.

THE BUSINESS MODEL ANALYST. **Deepseek Business Model.** 2025. Online. Disponível em: https://businessmodelanalyst.com/deepseek-business-model/?srsltid=AfmBOooB ED-p7sSYtMkxjbdNiyEWD55qchslHTSwPq_eNB_fmOoNeldF. Acesso em: 13 ago.